



SEÇÃO: DOSSIÊ

Arquivos de experiência: entre encontros narrativos com juventudes e as aventuras do trabalhar nas políticas públicas

Experience files: between narrative encounters with the youth and the adventures of working in public policies

Ana Paula Genesini¹

orcid.org/0000-0002-3634-3270
anagenesini@gmail.com

Gislei Domingas

Lazzarotto¹

orcid.org/0000-0002-5252-2666
gislei.ufrgs@gmail.com

Jaqueline Tittoni¹

orcid.org/0000-0002-3450-080X
jatittoni@gmail.com

Recebido em: 27 ago. 2019.

Aprovado em: 09 mar. 2020.

Publicado em: 17 set. 2020.

Resumo: Este estudo discute o trabalho em ações de formação e de atenção a jovens usuários/as de políticas públicas de educação, saúde e direitos humanos, na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil. Analisa os modos de enunciação da vida juvenil no encontro com os saberes gerados nas práticas profissionais, a partir da problematização das noções de poder, afeto, corpo e encontro. Essa experiência, assim como a atual situação das políticas públicas na sociedade brasileira, colocou importantes reflexões sobre as relações de poder que governam essas políticas e os modos de intervir no âmbito da psicologia. A partir da cartografia, produzimos narrativas no acompanhamento do percurso de experimentação de nosso trabalho com jovens, enfatizando o que chamamos de *encontro narrativo*, como forma de contar a experiência de disputa entre a vida e a morte, com afetações que contagiam, narram e resistem entres saberes, fazeres e modos de ser.

Palavras-chave: Juventude. Políticas públicas. Psicologia. Poder. Encontro narrativo.

Abstract: This study argues about training and care actions towards young users of educational, health and human rights public policies, in the city of Porto Alegre. It analyses the enunciation ways about young people's lives in the encounter with the knowledge generated in professional practices, from problematizing the notion of power, affection, body and encounter. This experience, as the Brazilian public policies current situation, has placed important reflections about the power relationships that rule these policies and the ways of intervening within psychology. Through Cartography, we produce narratives in the following up journey of our work with young people, emphasizing what we call *narrative encounter*, as a way of telling the dispute experience between life and death, with affections that contaminate, narrate and resist among knowledge, practices and ways of being.

Keywords: Youth. Public policies. Psychology. Power. Narrative encounter.

Introdução²

Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar.

-- Deleuze e Guattari 2011, 17

Este estudo discute o trabalho na política de governo em ações de formação e de atenção a jovens usuários/as de políticas públicas de educação, saúde e direitos humanos, na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil. Ele enfatiza as tensões produzidas entre os modos de pensar,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Porto Alegre, RS, Brasil.

² Estudo vinculado ao projeto de pesquisa O trabalho com arte: reinventando modos de viver e trabalhar, financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), através do Edital de Ciências Humanas 2014.

de produzir conhecimento e de intervir relatados em maior amplitude, na dissertação de Mestrado *Percursos entre afectos e corpos: a criação de arquivos de experiência através de encontros narrativos com a juventude* (Genesini 2018). Nesta exposição, trataremos de questões que emergem dessa experiência, enfatizando os encontros entre trajetórias e percursos de vida distintos, que se materializam nos encontros entre profissionais e jovens como usuários/as dessas políticas. São corpos que se ensaiam nas artes do encontro para fazer um trabalho acontecer ou produzir um caminho para andar.

Neste trabalho, nosso fazer acontece no âmbito de ações em programas desenvolvidos por políticas de Estado que atendem jovens em medida socioeducativa e aqueles/as que vivem em regiões da cidade nas quais se identifica um alto índice de mortalidade juvenil (Cerqueira 2018; Brasil 2017). Tais ações envolvem atividades no âmbito da educação, dos direitos humanos, da saúde e da cultura, com direcionamento para a profissionalização e a busca de emprego (Lazarotto 2014; Genesini 2018).

Neste trajeto de nosso trabalhar, vivemos a experiência com a formação na extensão acadêmica e no Mestrado em Psicologia Social e Institucional, com os modos de intervir como profissional da psicologia e, sobretudo, do encontro com jovens. Os encontros com jovens forçam a problematizar o que fazemos, considerando a abertura de nossa atenção ao modo como o corpo vive essa experiência na afirmação de um posicionamento ético-estético-político. O discurso dos índices de mortalidade juvenil associados à criminalidade e à vulnerabilidade juvenil constam em nossos debates e nos registros dos estudos no Brasil (Cerqueira 2018), entretanto quando se trata de nossas práticas em formação, produção de conhecimento e atenção a esses/as jovens, problematizamos como este potencial de arquivo de um índice vive. Para além da estatística, esses e essas jovens produzem vida – relações, desejos, sonhos e afetos – que dão sentido a suas trajetórias e marcam suas singulares existências. Assim, nos afetamos com a multiplicidade juvenil

que movimenta a experiência de sentidos de vida e morte em um constante questionamento a respeito de nosso trabalho profissional.

Aqui, estamos propondo a problematização de um percurso de formação e trabalho a partir do contágio com a juventude, com jovens que forçam nosso pensamento a criar práticas em composição, segundo o que nossos encontros são capazes de afetar, produzindo visões e audições para além da racionalidade dos modos de vida e de relação organizados em nossa sociedade. Falamos a partir da experiência com juventudes na cidade de Porto Alegre, em uma relação com serviços das políticas de assistência, de direitos humanos, de educação e de saúde. Locais de atendimento que operam práticas diversas, muitas vezes, conflitantes, que vão da escuta, do acolhimento das diversidades, da emancipação, do trabalho com as vulnerabilidades, da formação, da inserção no trabalho à medicalização, da normatização de vidas e do silenciamento.

A escolha por não operar uma descrição que nomeia e especifica exatamente onde esse trabalho ocorreu e ocorre na cidade, aos moldes de um estudo descritivo, diz da opção pela enunciação do plano de experimentação gerado pelo percurso de experiência de professoras e psicólogas, extensionistas e pesquisadoras, vivendo a formação e o trabalho com jovens. A singularidade do que nos ocorre e a forma com que as relações de poder nos afetam, constituem um processo de problematização que possibilita pensar um campo analítico comum: um corpo que chega aos locais, que nos leva, que nos faz ver e sermos vistas, ouvir e narrar; um corpo percorrido por intensidades, muitas vezes, desconsideradas e destituídas de sua importância na construção de existências e ações.

O plano de experimentação da experiência vivida visa criar um modo de agir que sustente e alimente a produção de relações, de trabalho e de desejo no movimento que conduz a vontade de estar com jovens, produzindo encontros que narrem sua existência e sua singularidade. No contágio com vidas que pulsam na criação de um modo de ser e estar no mundo, sentimos necessidade de contar dessa experiência, movimentando

a noção do arquivo do registro do passado, para as práticas que constroem esse arquivo no encontro do presente com narrativas vividas com jovens.

Este estudo, assim, toma corpo a partir do desejo de narrar encontros e de abrir espaço para ver, dizer e sentir a complexidade de viver. Para isso, foram criados arquivos de experiência que testemunhassem a potência de existir e de resistir em um tempo que nos ameaça, seja por sua velocidade e prescrição normativa, ou modos de gestão de vida e de morte, onde a estatística ocupa lugar privilegiado. Neste sentido, narrar e existir se confundem, pois são duas dimensões que não se separam no ato de viver e criar. Ato atento às marcas, aos pequenos deslocamentos e transformações que vão se conectando às multiplicidades e acionando forças de invenção para expressar diferença.

Esta narrativa está organizada em três planos: a construção de uma problematização no encontro com jovens; a produção do encontro narrativo como estratégia de intervenção e escrita, tendo a cartografia como orientadora deste percurso; e, no último ponto, o movimento do encontro narrativo com jovens que adquire uma certa centralidade, tendo a potência do "entre" como rumo e direção.

Problematização de um campo: corpo, marcas, encontro com jovens

A criação deste campo de problematização parte de uma atenção que se volta ao que se passa com nossos corpos no percurso das intervenções com jovens, tomando esse encontro como produção de afetos que nos leva à experimentação com a diferença. Essa produção de afetos, que tende a ser nomeada a partir de saberes que designam e normatizam, também expressa uma experiência própria ao encontro no presente. Qual seu lugar e como consideramos – ou não – os afetos dessa experiência que criam um regime de visibilidade que tensiona os modos de normatizar-governar?

Faz-se notar que pesquisas interessadas nesse encontro com a diferença, destacam a instauração de outros estados de corpo como: o corpo que dança (Barone 2017), o corpo do testemunho

(Szuchman 207), o corpo-carta (Battistelli 2017), e o corpo escrevivência (Soares 2017). Corpos que se alimentam da experiência com o movimento que constitui e vivem sua intensidade criando formas de narrar o que lhes afeta.

O pensamento de Michel Foucault (2003) nos dá a pensar a infâmia de vidas que alcançam um regime de visibilidade, quando o autor encontra arquivos do passado em que uma população que poderia passar despercebida, torna-se registro de polícia. Registro esse, que ocorre à medida que se torna alvo de relações de poder a partir de suas transgressões, desajustes, de sua não correspondência à norma em um determinado momento histórico. Suas análises possibilitam pensar como os corpos são tomados como campo de exercício de poder, desde sua constituição de objeto de saber, passando pelas práticas disciplinares de estabelecimentos prisionais, hospitalares, educativos, industriais, entre outros, tomando a forma no contemporâneo da biopolítica que toma como alvo a população (Foucault 1991, 2002, 2005). Neste sentido, as políticas governamentais direcionadas à juventude compõem esta biopolítica, assim como nossas práticas passam a tomar como alvo dos modos de governar, determinada população de jovens. Em um primeiro momento, essas vidas passam a existir para nós à medida que habitam o saber da psicologia, campo metodológico de nossas práticas, que diz respeito aos modos de subjetivação associados ao desenvolvimento humano, às relações educativas e de trabalho. Também passam a compor a população-alvo de uma política pública e a movimentar a gestão de estabelecimentos direcionados ao trabalho com juventude na educação, socioeducação e profissionalização. Mas, quando nos deixamos afetar pelo que os/as jovens dizem na experiência com nossos corpos movimentando o poder? Quando passamos a nos perceber pessoas brancas operando lógicas racistas que mantêm as relações de opressão? Quando identificamos nossa posição como parte de um funcionamento que reproduz hierarquias de privilégios econômicos?

Diante da necessidade de produzir um corpo

de pensamento que diga da vida que nos acontece, encontramos o texto de Foucault "A vida dos homens infames" (2003). Nesse, Foucault procede com uma "antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos" (Foucault 2003, 203). Propôs-se a reunir ali, vidas singulares tornadas como que poemas estranhos, aos seus olhos, seguindo o critério da intensidade que a ele, esses relatos-vida pareciam ter. Designou os relatos que encontrou nos arquivos como notícias, tanto por sua rapidez – curta extensão – quanto pela veracidade dos acontecimentos ali relatados: "tal é, nesses textos, a condensação das coisas ditas, que não se sabe se a intensidade que os atravessa deve-se mais ao clamor das palavras ou à violência dos fatos que neles se encontram" (Foucault 2003, 203). Move-nos saber que a produção desse texto é empreendida pelo que a leitura dos arquivos, o contato com aquelas vidas ali corporificadas pelo discurso, causa em Foucault.

Mas as intensidades primeiras que me motivaram permaneciam do lado de fora. E uma vez que havia o risco de elas não passarem para a ordem das razões, uma vez que meu discurso era incapaz de levá-las como caberia, o melhor não seria deixá-las na forma mesma que me fizeram senti-las? (Foucault 2003, 205)

O autor compreende que a forma como lhe chegam essas vidas-notícia, como se tornam visíveis e dizíveis é pela via do choque com o poder:

todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência, enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder. (Foucault 2003, 206)

Efetivamente, escrevemos em temporalidades diversas. As vidas às quais nosso intercessor Foucault se remete tomam corpo-histórico em sua visibilidade enquanto arquivo: encontro com o passado em um futuro que lhe acessa. As vidas narradas aqui são e estão no presente, nas práticas que as constituem no discurso e que levam

à produção de arquivos. Vidas visíveis a partir do modo como são contadas, vidas gerenciáveis entre adaptação, esquecimento e extermínio. Assim, ele e nós escrevemos sobre vidas que são vistas, que existem por seu encontro com o poder. A morte compõe a fórmula de ambas as escritas.

Em nosso campo problemático, a morte é ponto de partida da criação de políticas das quais somos convocadas a intervir. Ela é componente cotidiano das relações territoriais, é ameaça que assombra e cria certezas de que não será possível chegar aos 16 anos de idade. Tratamos aqui, do ponto de vista da gestão de populações, com a vida de jovens matáveis, que regula um modo de governar a sociedade, definindo quem vive e quem morre. Ao nos reconhecermos parte dessa política, que governa como estratégia biopolítica, passamos a produzir como campo problemático, as narrativas dos encontros entre os saberes produzidos pelos jovens, na singularidade de sua vida juvenil, com as práticas profissionais produzidas nas e pelas políticas públicas.

Nesta trama do poder que controla, ressocializa, reabilita, educa, nos deparamos com jovens no exercício de relações que ainda disputam a vida. É nesta torsão da vida de infames, que passamos a problematizar o arquivo em sua produção de fazer ver e dizer, visões e audições a serem cartografadas à medida que compomos essas relações de poder no afeto que nos movimenta nesse encontro. Nossa tentativa é a de abordar a dimensão do poder em que o encontro entre corpos tem a possibilidade de ampliar seu potencial de ação e, quiçá, de existência. Neste sentido, apostamos em uma inversão do tempo foucaultiano, a partir de "A vida dos Homens Infames", em que as vidas de indivíduos nos chegam somente pelos seus desajustes com a norma e da necessidade consequente de punição. No presente, somos parte do exercício que governa, no encontro que enuncia as vidas de nosso tempo com nome, corpo e história que pulsam no agora, cujo número estatístico fala ao nosso ouvido e suas existências transbordam vida em modos de afetar e resistir.

No movimento da experiência, vamos nos deparando com o que nosso pensamento não

é capaz de reconhecer: nunca percorreu tal caminho e não há acervo disponível ao qual possa se conectar. Vão se inscrevendo, em nós, marcas – estados, que nosso corpo vive no encontro com outros corpos – que forcem um trabalho de criação do e no pensamento, capaz de produzir corpo para “a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro” (Rolnik 1993, 5). Esse pensar constrangido pela inscrição violenta de marcas em nós, a partir das composições de viver, acontece de forma intensiva no ritmo das relações produzidas com jovens e evidencia marcas de uma diferença, do que levamos como designações dos saberes da psicologia e das formas de gestionar uma política para a juventude.

Rolnik (1993) indica que a partir da diferença com a que o encontro nos força pensar, nascem sujeitos, objetos e verdades: outros corpos, outras conexões, outros sentidos. O exercício de pensamento, enquanto efeito das exigências de corporificação das marcas, nos leva a produzir em conexão com a experiência e a ampliar nossa capacidade de percepção a respeito dos modos de afetar e ser afetado. A inscrição de marcas cria corpo e, também, pensamento, ampliando o alcance de nossa potência de pensar, tanto com aquilo que difere de nós mesmos, quanto com aquilo que limita nossa ação. É neste processo que se torna necessário acolher a diferença e criar condições para a expressão com o outro, movimentos que realizamos com a escuta e a audição, a narrativa e a escrita. Escuta do que o outro diz, mas que o ultrapassa ao enunciar também as vozes que ali lhe posicionam solicitando a audição coletiva do lugar histórico que vivemos. Narrativa que conta do que se vive, solicitando pouso na escrita, pois a experiência de trabalho produz arquivos para contar sua história institucional e dar passagem ao sentido que o tempo do encontro produz.

Sobre encontros narrativos: compartilhando estas aventuras

Menina muleca. Mulher negra linda. Brinco de argola, mão plena de anel, corrente larga que brilha no pescoço. Camiseta do WizKathifa. Calça Rasgada. Cabelo cacheado, com mechas loiras. Presença que se sente, que se vê che-

gando de longe. Lança o verbo e solta a voz, na vida, no rap e na poesia. Me apresenta altos sons. Da vontade de ser amiga. Da alegria de ter por perto. E olhos que marejam e coração que pula, quando me diz “obrigada, sora...eu te amo”. (Genesisini 2018, 79)

Estar com jovens é testemunhar alegria de quem ensaia viver, ainda que em arranjos sociais que podem produzir a legitimidade do morrer. No contágio com vidas que pulsam, intensas em sua criação de um modo de ser e estar no mundo, sentimos necessidade de abrir espaço para contar dessa experiência, criando um arquivo do presente. Percebermos os movimentos de viver, os pequenos deslocamentos cotidianos que nos fazem exercitar nossa diferença e potência, no encontro e no entre nós que dá passagem ao posicionamento marcado por uma narrativa, na proximidade com o que afeta. Retorna a pergunta: como consideramos – ou não – os afetos que nos percorrem na perspectiva de criar um regime de visibilidade que tensiona os modos de governar?

O conheci calado. Emudecido e solitário. Corpo que se arrastava pelos corredores, como se a vida lhe fosse sugada, a cada passo. Alto, muito magro, pálido...cabelos longos e muito pretos... olhos atentos...toca na cabeça, independente da temperatura (que agonia, menino). Quando me dei conta, era outro...tão outro...tão risosamente e expansivamente notável que se fazia certa saudades dos dias que calava mais. “Hoje tá difícil, né, Israel”. Nos saiu à namorador...beijos na recepção, nos corredores, no refeitório...passo por eles e lhes faço cara de “nojinho”... eles riem e se abraçam ainda mais forte, ainda mais perto. Quando conheci sua mãe, me disse que antes Israel não saía do quarto...hoje, não para em casa. Quando vem, à tardinha...traz até um amigo, pra escrever poesia. (Genesisini 2018, 79)

Com essa pergunta, percebemos que o percurso de nosso trabalho foi forçado a movimentar-se no encontro com jovens (Genesisini 2018; Lazzarotto 2014) cuja atenção à capacidade de afetarmos e sermos afetados nos levou a criar arquivos do presente com os corpos que contam vidas, nararam. Os encontros narrativos não se sustentam somente em sua extensão cronológica, mas na duração sensível que percorre nossos corpos, a partir da experiência que os produzem. O poder de que o corpo é alvo, conforme analisamos

com Michel Foucault, compõe nosso campo de problematização aos questionarmos sobre como esse corpo reage e age ao ser alvo de saber, disciplina e governo. Como experimentamos a experiência do poder que incide em nós?

Tal experiência diz respeito a estar com jovens no trabalho com políticas públicas e acompanhar essa dimensão que permanece em nós, cuja duração se expressa em problematização narrativa e conceitual na conexão com o que nossos corpos vivem. Afetar e ser afetado é exercício de poder e resistência a ser percorrido pelo nosso trabalho. Essa é uma pista metodológica: fazer da experiência com os afetos que movimentam nosso corpo, um campo de experimentação que pode ampliar nossa potência de agir e compor um encontro narrativo que produz conhecimento com jovens. Deleuze (1997) nos aponta que um encontro que produz novidade ao pensamento é produzido por signos que nos forçam a abandonar uma posição instituída e nos leva a uma ação com a diferença, um ato criativo.

Propomos, então, arquivos de experiência em movimentos configurados pelos *encontros narrativos*. Esses arquivos da experiência em movimento marcam a inversão no tempo do que se escreve, sob o foco do poder que governa, já que escrevemos na disputa entre corpos que compõem e produzem o trabalho. Escrevemos com afetos que nos marcam e instauram nossos corpos no contágio dessa experiência. Expressar com a escrita a duração do sensível que nos contagia é cartografar processos, pois não queremos designar o sujeito como objeto de um saber. Desviamos de exames esperados e indagamos a política que individualiza, criando arquivos no próprio encontro com a experiência de viver em companhia uns dos outros, quem sabe em contato com a multiplicidade de vidas que pulsam alegria, movimento e potência. Vidas que fazem fuga ao que governa, resistem.

Para acompanhar esse encontro optamos pela cartografia que nos possibilita percorrer os modos de afetar pelo movimento da experiência.

As forças e formas que compõem os afetos são dimensões que não sabemos explorar de imediato, nos solicitando a aprendizagem naquilo que gera problematização, que expressa diferença e que cria uma singular temporalidade na extensão do movimento que nos posiciona ali, com este jovem, com esta jovem. As formas que conduzem esse movimento podem ocupar uma oficina sobre direitos humanos; um acompanhamento juvenil³; uma conversa no intervalo do curso; um atendimento de orientação de projeto de vida; uma visita domiciliar acompanhando um/a agente comunitário/a. Essas, entre tantas outras ações que nos posicionam no trajeto de vida de um/a jovem, possibilitam atualizar nossa postura "conceitual-política que lida com o aspecto processual na produção de conhecimento" para escutarmos o que dizem e nos afetarmos pelo que vivem, sem partir de uma realidade já dada por nós (Pozzana 2013, 327).

É a cartografia que dá passagem ao que denominamos encontro narrativo. É a delicadeza sensível do olhar da cartógrafa que se ocupa em narrar essa experiência criando visibilidades às tramas que compõem nosso trabalho, dando-lhes corpo através do sensível de uma narrativa, que se faz na abertura para fazer da experiência, um processo de experimentação. Nesse sentido, estar com jovens – em uma consulta, na circulação pela cidade, no atendimento de medidas socio-educativas ou outros programas de educação e profissionalização – é criação que carrega a marca inventiva deles e delas. Deixamo-nos afetar pela intensidade de primeiros contatos, pela resistência às normas e formas que nos calam as vozes, pelo desejo de fazer alianças de amizade, para compartilhar alegria, pela expectativa de fazer diferença no mundo, pela afirmação de quem se é. Quando se pensa em cartografia, é necessário ter em mente que, ainda que existam pistas que indiquem o caminho de um método, essas são insuficientes para defini-lo de modo hermético e replicável. O método cartográfico não se aplica como palavra de ordem, mas se coloca a acompanhar processos compostos de

³ Metodologia orientada por um fazer acompanhado que busca ampliar o território de existir do jovem, no ensaio com sua autonomia e singularidade (Dutra 2012).

modo heterogêneo, que se conectam formando redes e dizem de uma realidade em diferença, sobre a qual "o pensamento é chamado menos a representar do que a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa" (Passos, Kastrup, e Da Escóssia 2009, 10).

A cartografia, então, estaria relacionada ao ato de pensar: criação de pensamento que possa corporificar em novos modos de expressão, abrir espaço à experiência de encontro com a violência dos signos, das marcas de intensidade, advindas de viver, que se inscrevem em nossos corpos e nos afetam. Nesse sentido, escrever a partir do que se experimenta é ato de afirmação política, que reivindica o sensível enquanto integrante fundamental, e talvez mesmo fundante, da nossa capacidade analítica. É preciso sentir com o que vemos e com o que dizemos, para que o ato de ver e dizer, em verdade, seja possível.

Assim, partimos da compreensão de que considerar a sensibilidade e a afetação que se passa com nosso corpo, cria abertura para a diferenciação no modo como pensamos. Diferenciação que diz da necessidade de gerar variação na forma normativa dos modos de viver. É preciso atentar para nossa experiência, podendo estabelecer conexões singulares que aumentem nosso potencial de agir, nossa capacidade de escolher e de criar formas de trabalhar coletivas. Nossos exercícios com os jovens e as jovens, e conosco mesmas, guiados pelos movimentos de coprodução de nosso trabalho nos levam a criar uma metodologia narrativa que busca abrir espaço para dizer do que se passa entre nós. Nossos encontros acionam narrativas remetendo a uma posição que se existencializa no ato ético-estético que compõe nosso trabalho. Rolnik (1993, 5) nos conta que "o trabalho com o pensamento – aquilo que em princípio se desenvolve numa prática acadêmica, sob a forma de estudo, escrita, ensino - diz respeito fundamentalmente às marcas, sua violência, nosso desassossego". A formação como um movimento de corporificação do conhecimento, onde as diferentes presenças em composição nos indicam por onde agir, conhecer e criar.

Entre – cartografando encontros narrativos

É preciso fazer aviso: a narrativa que segue – e as que vieram, ou virão – não são minhas, não são literais...E se não são minhas, não é porque não me ocorreram, muito menos porque não as vivi, mas porque transbordam a possibilidade de que meu corpo as contenha e de que, nele, se encerrem as conexões que esta história aqui redigida, fez, faz, ou fará. Ouso contá-la desde meu ponto de vista, na necessidade de produzir certa autoria de vida e também por sentir-me posicionada em lugar de enunciação. Enunciação de um modo de viver e de relacionar-se; de um processo formativo; de uma maneira de tornar-se corpo de trabalho e dos afetos que nos acompanham durante esse percurso e que a mim, são caríssimos e necessários afirmar: precisam ser ditos, precisam ter lugar precisam encontrar forma de expressão. Meu eu, nesse trajeto de escrita, não é interioridade individual, mas compõe um agenciamento coletivo narrativo – que, movido pela ética – busca dar certo contorno que torne mais visíveis, dizíveis e sensíveis tantas forças que nos atravessam na vida; neste caso, na vida em companhia de tantos e de tantas jovens. (Genesisini 2018, 42)

Os encontros narrativos que seguem, buscam dar passagem à intensidade de experiências nestes acompanhamentos, que produzem afetações e pensamento, modificando o potencial de agir e existir, de modo a transformar nossa relação conosco e com o mundo, a partir do testemunho de vidas. Eles foram acontecendo como encontros e narrativas registrados em diários de campo de nosso trabalho. Necessidade de contar e guardar algo que ali passava, como experiência e como passagem, produzindo a matéria de expressão que levou a criação dos encontros narrativos.

Neste trabalho, de certa forma, legitima-se o fato de que, como psicólogas estamos ali posicionadas para escutar o crime, a confissão, a responsabilidade com a reabilitação para a sociedade, para a escola, para o trabalho, a confirmação de uma vida intratável. Mas algo se passou, ou não passou: bifurcou. O encontro com jovens – seja na relação com o acolhimento institucional, seja na política de socioeducação, seja em programas para atuar em territórios de alta mortalidade juvenil de Porto Alegre. O encontro com estudantes, pesquisadoras, educadoras trabalhando com essas juventudes provocou outros signos, outros sentidos: corpos

desterritorializados. Como tornar essa escuta uma audição do que nos constitui coletivamente?

As forças que movimentam o encontro entre o corpo desta análise atualizam as vestes da clínica que se pratica, à medida que vivemos o exercício ético e político em uma escuta que acontece em estabelecimentos, circulações na cidade, programas de políticas juvenis, oficinas, reuniões de rede. A escuta grita ao territorializar um modo indivíduo de ser e ecoa na multiplicidade que nos constitui e na coletividade que cria nosso trabalho em rede. A cartografia percorre visões e audições desta multidão que nos povoa (Deleuze 1997) e é neste encontro que a experiência com jovens nos posiciona: um trajeto sem paredes, invadido pelas afetações de que podemos mais, nos modos de intervir com jovens e com políticas.

Entre a tristeza e a alegria

-Sora, tu tá sempre assim contente?

- Como assim?

- Bah, não sei sora, eu te vejo sempre feliz, pra cima aqui com a gente...parece que tu quer mesmo estar aqui...isso anima o cara, sabe? (Genesini 2018, 95)

- Pode marcar isso? registra aí produção que no dia 05 de junho de 2016, as 14hs e 05 minutos, tu me contou, pela primeira vez, que sua vida ta dando certo, ta indo pra frente!

- Eu achei que eu não fosse voltar a acreditar... eu to me sentindo acreditar, mais uma vez, depois de tanto tempo...acreditar em mim. (Genesini 2018, 94)

-Sora, e tu, me conta! Como ta tua vida? como foi o fim de semana? Preciso te dizer sora, tu tá diferente!

- Diferente, Vitor? como?

- Não sei, mais bonita, mais feliz...a gente nota. (Genesini 2018, 86)

Ainda que a experiência com jovens seja um encontro com inúmeras violências, preconceitos, criminalização, mortes, exclusão – denúncias do modo social que vivemos, impresso em nossos corpos – é como se algo operasse, constante-

mente, certa diluição e transformação de tanto peso e dor, no exercício de viver. Pensamos que esse algo é a alegria: uma alegria sentida, vivida e compartilhada, que transborda em risos e gargalhadas, falas altas que ecoam nos espaços, danças e músicas que dizem de que viver tem ritmo e balanço, abraços de encontro, para percorrer espaços e caminhos acompanhados.

A experiência com os afetos, enquanto intensidades que percorrem nosso corpo e produzem nosso pensar não é uma vivência da ordem do "pessoal", individual, não podendo permanecer restritas a esta esfera conforme os estudos de Silva (2013) a partir da filosofia de Espinosa.⁴ É um conhecimento implicado com a ampliação de nosso potencial de agir, com a conservação e o desenvolvimento das capacidades de nossos corpos, apontando para práticas de liberdade-liberação, para a experiência da alegria. Alegria e tristeza são afetos primários, do qual derivam todos os outros. Assim, experimentamos alegria quando aumentamos nossa potência de ser e agir no mundo. A alegria nos dá a compreender o que é bom e na perspectiva espinosista estudada por Silva (2013), não se tratando da noção de um sentimento que varia ora triste, ora alegre, mas de uma força plena de tal potência indicando que podemos ser alegres, que nosso corpo pode alegria. Portanto, está em questão o que podemos como potência de um corpo que afeta e é afetado.

O encontro marcado na UFRJ era estratégico: conhecer alguém que pudesse ser referência, construir uma rede de apoio com um grupo parceiro. Esperei, mas ele não chegava, não tinha celular. E se tivesse havido algum mal-entendido? Cerca de três horas passadas do horário marcado, me preparei pra deixar, um tanto desanimada, a UFRJ e explorar um pouco a cidade, que eu estava conhecendo, pela primeira vez.

Cruzando a saída, a gente se encontrou. Parece mentira. E sinto que eu falho miseravelmente em transcrever a essa folha de papel o quanto eu também não podia acreditar no que vivia. Mais uma cena de script de filme pra nossa história e mais uma experimentação da diferença, que a nossa relação possibilitou: senti na própria pele que vestia as roupas despo-

⁴ Utilizamos a produção conceitual de Cintia Vieira da Silva, especialmente localizada no livro *Corpo e pensamento: Alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa*, como intercessora na leitura de Baruch Espinosa, filósofo que desenvolve densa teoria a respeito da potência, corpo e ética.

jadadas de alguém que está pronta pra uma passeio, não mais pra um acompanhamento, que o lugar constituído do terapeuta, de fato, se deslocava...era estranho, era em certa medida desconfortável, mas era mais que tudo alegria e deixei que ela me guiasse.

Saimos. No primeiro passo para fora da universidade, me dei conta de que eu não sabia pra onde ir...ele me levou, já conhecia o caminho... mais alguns passos dados e o pensamento que me avisa: é ele que te acompanha hoje, não é tu que acompanha ele! Abri um sorriso ainda mais largo, enquanto ouvia as notícias de uma vida que percorria com a urgência – dessa vez da juventude, não da violência – as novidades e belezas da cidade maravilhosa. (Genesisini 2018, 83)

Entre a psicóloga e a sora

Outros refúgios se fizeram necessários ao ativar a potência de experimentar o que pensávamos: ou- sadia de escrever com a incerteza de acompanhar esses dolorosos passos do viver com essas e esses jovens. Nessa empreitada, demo-nos conta de que trabalhar com a juventude implicava em cartografar um modo de fazer psicologia e tornar-se psicóloga. O movimento extensivo do corpo em composição com a experiência devolve a possibilidade de dar forma à intensidade do encontro de um singular fazer que se dá nesse acontecimento.

Neste caso, percurso de corpo psi que se encontra com a educação. Ser *sora* causa, inicialmente, um estranhamento ao nos situarmos na função e no saber designados como psicóloga e psicologia. A audição de como este *sora* acontece, nos permite ver o gesto que produz este encontro; um modo conhecido de aproximação que a escola ensinou e que talvez tenhamos esquecido. Da passagem de professora para *sora* há uma história de referência de uma pessoa adulta que acompanha desde a infância o movimento de se distanciar da família. E, agora, pode estar também distante da escola. O que parecia destituir o lugar *psicologia* é exatamente um espaço praticado em um corpo jovem que se ensaia com seus afetos nas diferentes relações geracionais e profissionais.

sora, como tá teu bem-estar? senta aqui e conta pra gente"; "sora, tu é a primeira sora que eu vejo que usa esses colar aí"; "tá sora, eu sei que tu não é sora, mas não consigo não te chamar assim"; "o teu jeito é diferente sora, tu

fala como a gente";(...) "bah, não chama a minha mãe não, sora! que que tu quer falar com ela?!"; "sora, tu vai no passeio com a gente?";(...) "ô, preciso de ajuda com aquele livro que tu me emprestou, posso tirar uma dúvidas?"; "sora, tu conhece essa música? Te liga só", "mas tu quer ir mesmo comigo no médico? Não precisa, sora"; (...) "ah, sora...se eu falar sobre isso, vou chorar", "sora, me identifico muito contigo", "É que a gente não é o futuro, né sora? A gente, é o presente! (Genesisini 2018, 68)

oo, Misael...arrasou cara, muito obrigada"; "Galera, por favor, baixa o tom, a gente não consegue se escutar"; "E vocês tem alguém com quem vocês conseguem ser total sincero, que sabem que não vai rolar julgamento?"; "ah não, meu...to ligada que tu consegue escrever bem mais...faz um esforcinho. (Genesisini 2018, 71)

- Ah sora, ficou perguntas que eu queria fazer ainda!

- Tá, vocês querem mais um círculo sobre esse assunto, aí ficamos só com as perguntas de vocês

- Sim, sora, queremos!

- Tá, então tá combinado. Não vou preparar nada pra segunda que vem, hein...espaço de vocês...

- Ah não, sora...prepara...sabe como é. (Genesisini 2018, 69)

Entre viver e morrer

Estar com jovens implica no testemunho dos passos de quem ensaia viver, ainda que em arranjos sociais que podem produzir a legitimidade do morrer. Movimentar-se entre vulnerabilidades, tendo a vida como propulsora desses movimentos. Uma atitude atenta aos movimentos de viver, aos pequenos deslocamentos cotidianos que nos fazem exercitar nossa diferença e potência, no encontro e no entre nós, percorrendo a passagem do que nos posiciona em uma escrita em proximidade com o que afeta, com a complexidade e impermanência de estar no mundo: corpo só.

- Galera, o que o André trouxe é bem difícil... alguém quer falar um pouco sobre isso?

- É normal, né sora...a gente já tá acostumado...

- Sora, a gente é moleque de periferia... é quase um milagre a gente ainda tá vivo...chegar aos 20...

- É sora...o cara sabia onde tava se metendo né...fazer o que...

- Ah, sora...eu conhecia o cara...fizemos curso juntos...tinha 17 anos...que que eu posso dizer? espero que ele descanse...que Deus acompanhe.

- Parabéns, pela tua força, meu amor. Pela tua coragem. Eu não sei se teria conseguido dizer o que tu disse, nessa situação.

- Eu não estava só. Em nenhum momento, eu estava só. A força de vocês estava lá comigo. Eu era coletivo.

- Como foi a Pré Conferência dos Direitos da Criança e do Adolescente?

- Sora, foi incrível. A gente falou, sabe? Um espaço da gente falando pra gente. Eu parei pra pensar várias coisas, o quanto representatividade importa.

- A gente tem que tá nesses espaços. Aprender a lutar pelos nossos direitos. Saber quais eles são. Somos o futuro desse país.

- Não só o futuro, somos o presente. A gente ta vivo e a gente tem voz. (Genesini, 2018, p.87)

Entre desigualdades: negritude, branquitude e o racismo

A racialização da vida e de seus movimentos solicitam uma análise de implicação constante de nosso lugar de fala e da dívida histórico-cultural gigantesca com a qual também a psicologia precisa se enfrentar por pretensas práticas "a-localizadas" que produziram a invisibilização e o silenciamento étnico e racial. No trabalho com jovens encontro com corpos negros, que carregam a "significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco" (Nogueira 1998, 46), corpos historicamente desumanizados, inferiorizados e segregados, experimentando processos destrutivos, cujos processos de subjetivação são legitimados socialmente para sua criminalização e extermínio. Corpos submetidos a uma estrutura que nos subjetiva racistas e posiciona pessoas brancas e negras em uma relação hierárquica de desigualdade. Passamos a identificar a branquitude (Bento 2002) que atravessa nossas práticas, um lugar de vantagem estrutural que a pessoa branca ocupa na nossa sociedade racista, universalizando seu modo de vida e desconsiderando o lugar de privilégio em relação às pessoas negras. Mais uma modulação de como o poder incide sobre nossos

corpos racializados e da constante afetação que nos invade quando percebemos o modo como o poder opera em nossos atos. São jovens negros e pobres que morrem conforme os índices crescentes de violência por homicídios no Brasil, mas são eles que são criminalizados. Indignação e tristeza? Sim, afeto que cartografa como nossa relação decompõe a relação com o outro nas formas racistas que governam nossas práticas. Afeto triste que sinaliza nossa implicação e a demanda por um movimento antirracista constante.

- O cara nunca pisou na favela e quer falar que sabe como é viver aqui. Sabe o que é não ter comida pra amanhã? Ir dormir com fome? Pegar ônibus lotado, as vezes dois... levar duas horas pra chegar no trabalho, quando tem?

- é que nem branco falando de racismo... que nem branco sempre falando enquanto o preto escuta calado.

- é isso cara, é por isso que cada vez mais eu busco minhas origens, busco conhecer minha cultura afro. A gente foi rei e rainha escravizado, tratado que nem bicho. Ninguém mais vai falar por mim.

- Quando eu vejo alguém da favela, mulher negra, que chegou lá, que ta na universidade, que é bem sucedida...eu tenho esperança, sabe...eu acredito que eu também posso. (Genesini 2018, 89)

Quase um metro e oitenta. Cabelo blackpower que vibra sua personalidade. Olhos de confiança e ternura. Corpo que parece não sentir frio, nem mesmo quando outros desfilam mantas, tocas e camadas de blusas. Abre bairra sorriso quando discutimos gênero, sexualidade, raça...a mão chega a levantar na roda pra propor que a gente "discuta uma questão polêmica, sora: o que vocês acham da legalização do aborto?" Tanta postura, tanta mulher, que homem nenhum chega perto. A solidão da mulher negra. (Genesini 2018, 80)

Entre: desigualdades de gênero

O pensamento feminista nos faz atentar para a forma na qual aos corpos de mulheres, objetivados nas relações, são vistos como fonte de satisfação, alvos de julgamento e violência de quem se autoriza a tomá-los enquanto posse. Corpos construídos enquanto produto histórico, que têm representações nos discursos médico, religioso, jornalístico, jurídico, político, marcados pelo pudor de uma moral questionável e pelo silenciamento. Corpos reservados ao espaço

“privado”, restritos pelas experiências com determinadas práticas e saberes, as quais se destinam ao espaço público, naturalizado enquanto masculino. (De Matos e Shoiet 2003). Ainda, os corpos que não correspondem a uma heteronormatividade: marginalizados, ridicularizados, linchados, pois não se enquadram na definição socialmente aceita das possibilidades de ser corpo. Tornam-se corpos negados e deslegitimados, corpos abjetos (Nonato 2013).

- É normal não ter desejo sexual?
- Ah, depende...é normal não ter o tempo todo... mas não ter nunca, acho que não.
- E mulher tem menos desejo que homem?
- Acho que sim, né...o cara é mais primitivo.
- Como assim, mais primitivo? Meu, 2018, estamos eu e você, um homem e uma mulher dividindo a mesma sala. Por que tu é mais primitivo que eu? A gente vive no mesmo tempo, querido. (Genesisini 2018, 35)
- E o que vocês acham de dois homens se beijando?
- Toda forma de amor é válida!
- Pra mim é maravilhoso!
- Ah, fico meio constrangido... (Genesisini 2018, 91)
- E se a mulher não quiser ter filho?
- acho que é porque não pode cuidar...
- porque não quer ter responsabilidade!
- me faz perguntar: porque a mulher tem que ser o núcleo da família? (Genesisini 2018, 91)

A força das narrativas foi mostrando que raça, gênero, tristeza, alegria, entre outros “entres”, compõem espaços-tempo complexos que se alinham em experiências que podem se fazer e se desfazer, compondo diferentes desenhos, na singularidade do encontro. A delicadeza de buscar os fios que tecem as experiências, entre a escuta e a audição, lança outras questões e propõe outros caminhos que já não se definem previamente, mas que se fazem singulares na potência dos encontros, de suas tensões e de seus devires.

Aberturas de arquivos da experiência

Terminamos, assim, com algumas aberturas para que a experiência deste percurso se dobre

sobre si mesmo e possa expandir-se das sistematizações aqui produzidas. Como primeira abertura, pensar a noção de corpo, que remete a uma multiplicidade de leituras e dimensões de significação que vão desde um corpo alvo de relações de poder e suporte biológico, até a experiência daquilo para qual é preciso dar corpo, dar forma, abrir espaço de existência. Esse trânsito por corpos possíveis em seus variados planos diz de percorrer o movimento da experiência dessa circulação sem a fixação em uma noção específica; afinal, o que pode um corpo?

Uma segunda abertura diz respeito aos encontros narrativos, uma criação coletiva em que o cotidiano em sua potência de experiência foi o objeto principal das narrativas produzidas. Pequenos movimentos investidos por relações que afetam e que vão compondo a abertura ao contágio de uma potência de alegria que movimenta a vida e produz uma ética de cuidado pelo exercício do encontro. O encontro narrativo dá a ver o pensamento que o sustenta e que o engendra, sem que se faça possível ou necessário explicitar referência teórica que lhe movimenta. O encontro narrativo forma arquivos de experiência, sendo a própria experimentação com a teoria, manuseio e criação com os conceitos.

Por fim, uma última abertura: as práticas da psicologia no trabalho com jovens, nas políticas públicas em assistência educação, saúde e direitos humanos. No exercício de nosso trabalho com a psicologia também nos deparamos com uma prescrição. O temor com o manejo do que nos afeta, generalizando e catalogando em diversas terminologias que levam psicólogos/as a se questionarem sobre os limites do que podem sentir, de uma correspondência de sua implicação a uma explicação teórica que lhe forneça certo limite. O que se passa na produção do encontro entre esses corpos é desconsiderada, é silenciada, pois não se coloca enquanto elemento singular e próprio desse acontecimento; elemento que pode dar pistas de linhas a percorrer na composição de nosso trabalho com quem se escuta.

Qual trabalho seria possível com esses e essas jovens sem a presença de corpos atentos

à singularidade dos encontros em expansão? Quanta vida de nosso tempo seria "esquecida" nos arquivos de descrições de exames de condutas, diagnósticos exemplares e normas de pareceres?

Eu e Vinicius falávamos quase que duas línguas diferentes: ele, gírias que eu nunca tinha ouvido – canalha, por exemplo, passou a compor meu vocabulário com a naturalidade de quem adjetiva algo antiquado, estranho, feio; já eu, lhe oferecia palavras que soavam como monstros, pelo semblante que me devolvia...monstros canalhas, talvez.

Lembro de poucos momentos em que foi realmente difícil conversar com adolescentes... Vinicius me ensinou que é preciso criar outros acessos para compartilhar a diversidade dos micromundos que habitamos... e que uma das maneiras mais fáceis para se construir isso é começando por dizer "não sei". Exercitamos muito não sabidos e desconhecidos, no tempo de nossos encontros, que ressoam seus efeitos em mim e dizem do lugar que ocupo hoje – lugar que está pronto a ser desocupado pela imprevisível dimensão da experiência, mas que, ao mesmo tempo, seguirá conduzido pela marca da aposta na possibilidade de um comum. (Genesini 2018, 80)

Referências

- Barone, Luciana Rodrigues. 2017. "Convidando a clínica a dançar: um ensaio cartográfico da saúde mental na atenção básica." Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Battistelli, Bruna Moraes. 2017. "Carta-Grafias: Entre Cuidado, Pesquisa e Acolhimento." Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bento, Maria Aparecida. "Branqueamento e branquitude no Brasil", In *Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, ed. by I. Carone, I. e M. A. Bento, 255-8. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brasil. Presidência da República. Secretaria de Governo. 2017. "Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes." São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- Caetano, Carla Lavarda Concentino, Andrea Cristina Coelho Scisleski, e Giovana Barbieri Galeno. 2019. "O pesquisador como testemunha da vida da juventude infame." *Atheneia Digital* 19 (1):1-22.
- De Matos, Maria Izilda Santos e Rachel Sohiet. 2003. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Unesp.
- Deleuze, Gilles e Félix Guattari. 1995. "Introdução: rizoma.", In *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, 11-37.
- Deleuze, Gilles. 1997. "Crítica e Clínica." *Crítica-Revista Hispanoamericana de Filosofia*.
- Dutra, Júlia. 2012. "Mergulhos de uma psicologia no acompanhamento juvenil: uma clínica porvir?" Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Foucault, Michel. 1987. "Vigiar e punir: história das violências nas prisões". Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. 1997. "A arqueologia do saber". Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, Michel. 2002. *Aula de 17 de Março de 1976. Em Defesa Da Sociedade*.
- Foucault, Michel. 2003. "Arqueologia do saber: vida dos homens infames.", In *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 203-222.
- Genesini, Ana Paula. 2018. "Percursos entre afectos e corpos: a criação de arquivos de experiência através de encontros narrativos com a juventude". Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Lazzarotto, Gislei Domingas Romanzini. 2014. "Medidas Socioeducativas: Cartas Ao Reinado Do Saber." *Psicologia Em Estudo* 19 (3): 503-14. <https://doi.org/10.1590/1413-73725000313>.
- Nogueira, Isildinha Baptista. 1998. "Significações Do Corpo Negro." Tese. Universidade de São Paulo.
- Nonato, Murillo Nascimento. 2013. "A imprensa gay no Brasil: um reforço do comportamento heteronormativo e produção de corpos abjetos." www.academia.edu/4934602/A_imprensa_gay_no_Brasil_um_refor%C3%A7o_do_comportamento_heteronormativo_e_produ%C3%A7%C3%A3o_de_corpos_abjetos
- Passos, Eduardo, Virginia Kastrup e Liliana Escóssia. 2015. "Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade." Porto Alegre: Sulina.
- Passos, Eduardo e Regina Benevides. 2015. "Por uma política da narratividade." In *Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, ed. by Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana Escóssia, 150-171. Porto Alegre: Sulina.
- Pesquisa, IPEA - Instituto de. 2018. "Atlas Da Violência 2018." *IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada* 126 (1): 21. <https://doi.org/10.37700/0033-2909.126.1.78>.
- Pozzana, Laura. 2013. "A Formação Do Cartógrafo é o Mundo: Corporificação e Afetabilidade." *Fractal : Revista de Psicologia* 25 (2): 323-38. <https://doi.org/10.1590/s1984-02922013000200007>.
- Rolnik, Suely. 1993. "Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico." *Cadernos de Subjetividade*. 241-51. São Paulo: PUC.
- Silva, Cintia Vieira da. 2013. *Corpo e Pensamento: Alianças Conceituais Entre Deleuze e Espinosa*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Soares, Lissandra Vieira. 2017. "Tem que ficar de olho: trajetórias de mulheres negras acompanhadas pelos serviços da política de proteção social? Uma perspectiva interssetorial." Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Szuchman, Karine Shamash. 2017. "À Margem da Espera: escuta e transmissão de testemunhos de violência." Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ana Paula Genesisini

Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, RS Brasil), psicóloga na rede de atenção à juventude em Porto Alegre, RS Brasil.

Gislei Domingas Lazzarotto

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, RS Brasil), professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, RS Brasil.

Jaqueline Tittoni

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, RS Brasil), professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, RS Brasil.